

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

O CONCEITO DE RECUSA:

A questão do mecanismo de defesa específico da psicose em Freud

Felipe Antonio Fernandes Gontijo

Belo Horizonte

2º Semestre de 2012

Felipe Antonio Fernandes Gontijo

O conceito de recusa:

A questão do mecanismo de defesa específico da psicose em Freud

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Paulo César de Carvalho Ribeiro

Belo Horizonte

2012

Felipe Antonio Fernandes Gontijo

O conceito de recusa: a questão do mecanismo de defesa específico da psicose em Freud

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Paulo César de Carvalho Ribeiro (Orientador) – UFMG

Lúcio Roberto Marzagão (Leitor) - UFMG

Lucas Mello Carvalho Ribeiro (Leitor)

Belo Horizonte, 17 de setembro de 2012

O que é a originalidade? É ver algo que ainda não tem nome, não pode ser mencionado, embora se ache diante de todos. Do modo como são geralmente os homens, apenas o nome lhes torna visível uma coisa. – Os originais foram, quase sempre, os que deram nomes.

Nietzsche, A Gaia Ciência, 261.

RESUMO

O objetivo deste estudo é apresentar o desenvolvimento do conceito de recusa na obra de Freud. Analisa-se a hipótese segundo a qual ao introduzir este conceito Freud estaria em busca de um mecanismo de defesa específico da psicose. Para isso, parte-se da constituição do conceito freudiano de defesa nos primórdios da psicanálise. Observa-se que no início de suas teorizações Freud não distinguia o conceito de defesa do conceito de recalque. Apresenta-se, então, a reformulação do conceito de defesa ocorrida em 1926. Em seguida, percorre-se de forma cronológica os principais textos de Freud nos quais o conceito de recusa aparece. Finalmente, são feitas considerações sobre a hipótese trabalhada.

Palavras-chave: Defesa. Recusa. Psicose. Psicanálise.

ABSTRACT

The objective of this study is to present the development of the concept of disavowal in Freud's work. We analyze the hypothesis that by introducing this concept Freud was looking for a specific defense mechanism for the psychosis. In order to do it, we start from the constitution of the Freudian concept of defense in the early days of psychoanalysis. We observe that at the beginning of his theorizing Freud did not distinguish the concept of defense from the concept of repression. After that, we present the reformulation of the concept of defense occurred in 1926. Then, we course the main texts of Freud in which the concept of disavowal appears in the chronological order. Finally, we discuss the hypothesis in question.

Key-words: Defense. Disavowal. Psychosis. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 A TEORIA DA DEFESA | 13 |
| 2.1 Defesa <i>versus</i> estado hipnoide..... | 13 |
| 2.2 O desenvolvimento da teoria da defesa..... | 16 |
| 2.3 O caso Emma..... | 18 |
| 2.4 Defesa normal e defesa patológica..... | 21 |
| 2.5 A teoria da defesa na Carta 52..... | 22 |
| 2.6 A defesa e o recalque..... | 24 |
| 3 A VERLEUGNUNG NA OBRA DE FREUD..... | 28 |
| 3.1 A questão da tradução..... | 28 |
| 3.2 A <i>Verleugnung</i> em <i>A Organização Genital Infantil</i> | 30 |
| 3.3 <i>Verleugnung</i> em <i>A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose</i> | 31 |
| 3.4 A <i>Verleugnung</i> em <i>Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos</i> | 32 |
| 3.5 A <i>Verleugnung</i> em <i>O Fetichismo</i> | 33 |
| 3.6 A <i>Verleugnung</i> em <i>Construções em Análise</i> | 35 |
| 3.7 A <i>Verleugnung</i> em <i>A Cisão do Eu no Processo de Defesa</i> | 37 |
| 3.8 A <i>Verleugnung</i> em <i>Esboço de Psicanálise</i> | 39 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 43 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 47 |

1 INTRODUÇÃO

A oposição entre a neurose e a psicose é amplamente aceita no campo da psicopatologia. De acordo com Roberto Mazzuca (2004), embora os conceitos de neurose e psicose tenham sua origem na psiquiatria anterior a Freud, a oposição excludente entre estas duas categorias nosológicas não surgiu nesse campo. Ela é, de fato, uma característica e uma especificidade da psicopatologia freudiana.

Muitos, inclusive psicanalistas, acreditam que se trata de uma oposição que Freud tomou da psiquiatria. No entanto, ocorre que esta, assim como muitas outras noções psicanalíticas inventadas por Freud, estendeu seu alcance mais-além das fronteiras da psicanálise e, uma vez aceita no uso, sua origem permaneceu esquecida. (MAZZUCA, 2004, p. 11, tradução nossa¹).

A razão de Freud ter estabelecido essa oposição é fundamentalmente clínica: ele acreditava que a eficácia terapêutica do método psicanalítico não é a mesma nesses dois quadros. Enquanto ele acreditava, pelo menos no início de sua prática clínica, poder curar um quadro de neurose por meio da psicanálise, no caso de uma psicose considerava o uso desta técnica ineficaz. Assim, para Freud, neurose e psicose responderiam de maneira oposta à técnica psicanalítica.

Não obstante, a oposição excludente entre neurose e psicose aparece na obra de Freud como o produto de uma extensa elaboração, a qual pode ser distinguida em etapas. Em um primeiro momento, não há qualquer indício de uma distinção rigorosa entre a neurose e a psicose. Freud trabalhava a partir da noção de neuropsicoses de defesa, dentre as quais se encontravam a histeria, a neurose obsessiva, a psicose alucinatória (*amentia* de Meynert) e a paranoia. Estas entidades clínicas formavam uma categoria ao se distanciarem das neuroses, tal como concebidas pela psiquiatria clássica, a qual pressupunha para estas uma disfunção do

¹ Mucha gente, aun psicoanalistas, sigue creyendo que se trata de una oposición que Freud tomo de la psiquiatría. Ocurre que esta, al igual que muchas otras nociones psicoanalíticas inventadas por Freud, extendieron su alcance más allá de las fonteras del psicoanálisis y, una vez aceptadas en el uso, su origen ha quedado olvidado.

sistema nervoso. Na formação dos sintomas das neuropsicoses de Freud, ao contrário, encontramos mecanismos psíquicos, mais precisamente o mecanismo de defesa (*Abwehrvorgang*), daí a denominação neuropsicoses de defesa (*Abwehr-Neuropsychosen*). Esse mecanismo era considerado o mesmo nas fases iniciais de todas as entidades clínicas do grupo, diferenciando-se apenas na fase final, isto é, no tratamento dado à representação apartada da consciência e ao afeto vinculado a ela: conversão na histeria, falso enlace na neurose obsessiva, rejeição na psicose alucinatória e projeção na paranoia.

O impulso inicial para a distinção entre neurose e psicose se deu no artigo *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (1896). Na seção deste artigo dedicada à análise de um caso de paranoia encontra-se uma nota de pé de página na qual o criador da psicanálise confessa o fracasso do tratamento aplicado à paciente. Como dissemos, a ineficácia do método terapêutico que estava desenvolvendo foi o fator decisivo que levou Freud a propor a oposição entre neurose e psicose. No cerne dessa oposição encontra-se o conceito fundamental de transferência.

Freud percebeu que a constituição do laço transferencial opera de forma diferente nas entidades agrupadas sob a rubrica das neuropsicoses de defesa. No caso Schreber, por exemplo, redigido em 1911, ele observa que a relação transferencial do paciente com seu médico desempenhara um papel preponderante no desencadeamento dos sintomas. Além disso, influenciado por Jung, Freud passou a considerar a noção de narcisismo. Ainda em seu ensaio sobre o presidente Schreber, as *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* (1911), ele postula a existência de uma fase intermediária do desenvolvimento libidinal, entre o auto-erotismo e a relação objetal, na qual as pulsões parciais se unificam tomando o próprio eu como objeto. Freud denomina essa fase de narcisismo primário.

A hipótese do narcisismo primário é desenvolvida de forma mais acabada no artigo *Introdução ao Narcisismo* (1914), onde Freud afirma que a formação dos sintomas da esquizofrenia e da paranoia – que nessa época ele às vezes denomina de forma conjunta de parafrenia – obedece à lógica de um retorno ao narcisismo. A partir daí desaparece a categoria das neuropsicoses de defesa, a qual se cinde em duas categorias opostas: as psiconeuroses de transferência e as psiconeuroses narcísicas, às vezes denominadas neuroses de transferência e neuroses narcísicas. Constituem o primeiro grupo a histeria e a neurose obsessiva, e o

segundo a esquizofrenia, a paranoia e a melancolia. Na mesma época, Freud passa a qualificar o recalque (*Verdrängung*) como o mecanismo de defesa por excelência. No terceiro capítulo do ensaio sobre Schreber ele descreve a especificidade e fases deste mecanismo na paranoia, denominando-o mecanismo paranoico (*paranoischen Mechanismus*).

Entretanto, no artigo metapsicológico *O Inconsciente* (1915), ao analisar as peculiaridades da linguagem esquizofrênica – o que ele denomina língua do órgão (*Organsprache*) – e suas diferenças em relação aos sintomas conversivos histéricos, Freud acentua ainda mais a distinção entre as psiconeuroses narcísicas e de transferência, chegando a se questionar se na esquizofrenia o processo denominado recalque (*Verdrängung*) teria algo em comum com o que se verifica nas neuroses de transferência. Todavia, ao invés de propor um mecanismo específico, o criador da psicanálise sugere uma modificação da noção de recalque, com o intuito de também incluir as psiconeuroses narcísicas.

A oposição excludente entre as categorias da neurose e da psicose só aparece de forma clara em *Neurose e Psicose* (1924). Ela só foi possível a partir da elaboração da segunda topologia, que ocorreu em 1923. A partir daí, o criador da psicanálise passou a formular as diferenças existentes entre as duas categorias levando em consideração o modo de funcionamento das três instâncias psíquicas (Eu, Isso e Super-eu) em sua relação com a realidade. Contudo, a eficácia terapêutica da psicanálise permaneceu sendo um critério de demarcação entre neurose e psicose. No texto póstumo *Esboço de Psicanálise* (1940), Freud retorna à afirmação segundo a qual seria necessário renunciar ao tratamento psicanalítico da psicose.

Ao estabelecer a oposição excludente entre neurose e psicose, Freud fundou as bases para o diagnóstico estrutural em psicanálise, desenvolvido em sua forma acabada por Lacan. Para o psicanalista francês, existem três estruturas, que correspondem a três modos de se lidar com a castração. São elas: a neurose, a psicose e a perversão. Lacan, que era psiquiatra por formação, interessou-se desde o início de sua prática clínica pela psicose. Assim, no início da década de cinquenta, momento em que iniciava o seu seminário, o qual prosseguiu até o fim de sua vida, Lacan começou a se preocupar com a existência de um mecanismo específico da psicose. Destarte, ele introduziu na psicanálise a noção de forclusão do Nome do Pai.

Entretanto, segundo Roudinesco (1993), Lacan costumava atribuir a Freud suas próprias inovações. Com efeito, ele parece acreditar ter encontrado no uso que Freud fizera do termo *Verwerfung* em algumas passagens de sua obra – no artigo *As Neuropsicoses de Defesa* (1894) e, notadamente, no *Na História de uma Neurose Infantil* (1917) – o protótipo da noção de forclusão.

Freud, porém, em *O Fetichismo* (1927), faz a seguinte afirmação: “Um termo novo é autorizado quando descreve um fato novo ou lhe dá ênfase”. (FREUD, 1927/1982, pg.384, tradução nossa².) Observa-se que praticamente não há obra sua na qual o criador da psicanálise não cunhe palavras, servindo-se para isso de um bem conhecido recurso da língua alemã: a possibilidade de formar vocábulos novos através da justaposição de outros já conhecidos. No entanto, Freud, de fato, procurava ser econômico na introdução de termos técnicos, utilizando-se frequentemente de termos usuais do léxico alemão. Talvez tenha sido esse o caso da *Verwerfung*.

Todavia, os autores do *Vocabulaire de La Psychanalyse*, Laplanche e Pontalis, nos apresentam a seguinte reflexão:

Para além de uma simples questão terminológica, poderíamos demonstrar que a introdução por Lacan do termo forclusão se situa no prolongamento de uma *exigência constante em Freud*: a de definir um mecanismo de defesa específico da psicose. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2007, pg. 165, tradução nossa³).

Os próprios autores do *Vocabulaire* apontam que essa exigência de Freud pode ser constatada no destaque progressivo que ele dá ao mecanismo de defesa que denomina com o termo alemão *Verleugnung*, que ele passa a utilizar de forma conceitual a partir de 1923. Neste trabalho, investigamos o percurso que parte do surgimento da noção de defesa até a

² Ein neuer Terminus ist dann berechtigt, wenn er einen neuen Tatbestand beschreibt oder heraushebt.

³ Au-delà de cette simple enquête terminologique, on pourrait montrer que l'introduction par Lacan du terme de forclusion se situe dans le prolongement d'une *exigence constante chez Freud*: celle de définir un mécanisme de défense spécifique de la psychose.

consolidação do conceito de *Verleugnung*. Nosso objetivo final é avaliar a hipótese da existência de um mecanismo de defesa específico da psicose em Freud.

2 A TEORIA DA DEFESA

2.1 Defesa *versus* estado hipnóide

Em *A História do Movimento Psicanalítico* (1914), encontramos a célebre proposição freudiana que estabelece a teoria do recalque (*Verdrängung*) como a pedra angular sobre a qual se ergue o edifício da psicanálise. Ela aparece pouco após Freud ter examinado as razões de sua ruptura teórica com Joseph Breuer (1842-1924), com o qual colaborou no início de suas investigações no campo da psicopatologia. Como se sabe, a criação da psicanálise propriamente dita teve como uma de suas condições de possibilidade o abandono por Freud do método terapêutico proposto por Breuer para a histeria: o método catártico, fundado no uso da hipnose. Com efeito, o médico vienense jamais reivindicou a paternidade da Psicanálise. Depois da publicação dos *Estudos Sobre a Histeria* (1895), que escreveu junto a Freud, desinteressou-se pelas questões da psicopatologia. O que ele afirma no *Prefácio à Segunda Edição* (1908) da obra. A ruptura de Freud com Breuer interessa-nos aqui por conduzir, como veremos, ao conceito freudiano de defesa (*Abwehr*).

Ainda em *A História do Movimento Psicanalítico*, Freud ressalta que o fundamental das descobertas de Breuer consistia no fato de que os sintomas histéricos se baseariam em cenas do passado do paciente que lhe causaram grande impressão e que, no entanto, foram esquecidas, constituindo-se assim enquanto traumas psíquicos. Partindo desse pressuposto, Breuer e Freud inferiram que a sintomatologia histérica diria respeito a um emprego anormal de certa quantidade de excitação psíquica que não fora descarregada. O termo conversão (*Konversion*) foi utilizado para nomear o processo através do qual a excitação não descarregada é investida em uma parte do corpo do paciente, gerando, por exemplo, uma paralisia ou uma analgesia histérica. Destarte, a terapêutica proposta por Breuer e adotada por Freud, num primeiro momento, consistia em fazer os pacientes histéricos rememorem e reproduzirem lembranças esquecidas através da hipnose, provocando uma catarse (*Katharsis*). Nas palavras do criador da Psicanálise:

Orientávamos a atenção do doente diretamente para a cena traumática, na qual era encontrada a origem do sintoma, e procurávamos nela descobrir o conflito psíquico e liberar o afeto reprimido (FREUD, 1914/1981, p. 47, tradução nossa⁴).

Este trabalho levou-os à descoberta do processo psíquico característico da neurose, que Freud chamou depois de regressão (*Regression*). Embora o que se intencionava era tratar os sintomas atuais, as associações do paciente retrocediam a partir da cena que se tentava elucidar até as experiências mais remotas. Esta regressão conduziu cada vez mais para trás, a princípio até a puberdade e, posteriormente, até a infância. Contudo, nisto Breuer e Freud estavam de acordo. A divergência entre os dois surgiu de uma questão relacionada ao mecanismo psíquico mais apurado da histeria.

Breuer dava preferência a uma teoria caracterizada por Freud como fisiológica, a qual explicava a divisão mental (*seelische Spaltung*) dos pacientes histéricos através de uma suposta ausência de comunicação entre os estados de consciência. Esta teoria supunha a existência daquilo que Breuer denominou de estados hipnóides (*hypnoiden Zustände*), cujos produtos penetrariam na consciência desperta – de maneira análoga a corpos estranhos não assimilados – causando a sintomatologia histérica. O criador da psicanálise, por outro lado, via a questão, segundo ele mesmo, de forma menos científica. Encontrava em seus pacientes tendências e motivos semelhantes aos da vida cotidiana e encarava a própria divisão mental como o efeito de um processo de repulsão (*Abstoßungsvorgangs*), ao qual ele na época denominou de defesa (*Abwehr*). Em *Um Estudo Autobiográfico* (1925), Freud afirma que foi um caso de histeria hipnoide *versus* neurose de defesa. Aproximamo-nos assim do conceito que nos interessa aqui. Entretanto, consideramos proveitoso seguir ainda um pouco mais a história da ruptura de Freud com Breuer.

O criador da psicanálise nos diz que, num primeiro momento, tentou conciliar sua teoria com a de Breuer. Em suas próprias palavras: “Por pouco tempo tentei permitir que os dois mecanismos existissem um ao lado do outro [...]” (FREUD, 1914/1981, p. 48, tradução

⁴ Wir lenkten die Aufmerksamkeit des Kranken direct auf die traumatische Szene, in welcher das Symptom entstanden war, suchten in dieser den psychischen Konflikt zu erraten und den unterdrücken Affekt frei zu machen.

nossa⁵). É o que se observa na segunda parte da *Comunicação Preliminar* (1893), onde ao investigar os motivos que produziriam a ausência de descarga de excitação que daria origem aos sintomas histéricos, os autores afirmam a existência de pelo menos dois grupos de condições para que isso ocorra. No primeiro grupo, mais próximo da teoria freudiana da defesa, encontram-se três situações: a) os casos nos quais os pacientes não reagiram ao trauma psíquico porque a própria natureza do trauma não comportava reação – como no caso da perda de um ente querido; b) os casos em que as circunstâncias sociais tornaram impossível a reação; c) os casos onde se tratava de um evento que o paciente desejava esquecer e que, portanto, recalcará (*verdrängt*)⁶ intencionalmente. Através da hipnose, constatava-se serem essas situações aflitivas a base de alguns fenômenos histéricos, tais como os delírios histéricos de santos, de mulheres castas e de crianças bem-educadas. Entretanto, a hipnose também revelava dentre as causas dos sintomas histéricos representações (*Vorstellungen*) não significativas em si mesmas. Elas adquiririam caráter patogênico devido ao fato de terem sido vivenciadas em estados psíquicos anormais, como o estado crepuscular semi-hipnótico dos devaneios ou a auto-hipnose. Nesse caso, mais próximo da teoria breueriana dos estados hipnoides, tratar-se-ia do segundo grupo de condições, no qual seria o estado psíquico em que o paciente recebeu as experiências em questão o que impediria a descarga de excitação e daria origem à sintomatologia histérica, e não o conteúdo das representações.

Entretanto, com o avanço de suas pesquisas, Freud passou a privilegiar a teoria da defesa (*Abwehrlehre*). Nas palavras do criador da psicanálise: “[...] mas como a experiência me mostrava sempre uma única e mesma coisa, rapidamente sua [de Breuer] teoria hipnoide tornou-se oposta a minha teoria da defesa.” (FREUD, 1914/1981, p. 48, tradução nossa⁷). Isso se deu pela constatação de que a lembrança recalçada, isto é, a lembrança contra a qual o paciente se defende, possui inexoravelmente um caráter sexual, o que levou Freud a proposição da etiologia sexual das neuroses, que deu impulso ao desenvolvimento da teoria da defesa.

⁵ Ich machte einen kurzlebigen Versuch, die beiden Mechanismen nebeneinander bestehen zu lassen [...].

⁶ Pretérito do verbo *verdrängen* (recalcar) do qual é derivado o substantivo *Verdrängung* (recalque). James Stratchey, o tradutor inglês das obras de Freud, chama a atenção para o fato de ser esta a primeira vez que o termo fora empregado de forma aproximada àquele que viria a ser seu sentido psicanalítico.

⁷ [...] aber da mir die Erfahrung stets das nämliche und nur eines zeigte, stand bald seiner Hypnoidtheorie meine Abwehrlehre gegenüber.

2.2 O desenvolvimento da teoria da defesa

Na segunda parte do quarto capítulo dos *Estudos*, escrito somente por Freud, um entrave ao uso do método catártico é apresentado: muitos pacientes histéricos não são hipnotizáveis. Embora as causas desse fenômeno escapassem ao criador da psicanálise, ele observa que alguns casos apresentavam um obstáculo de transposição ainda mais difícil, que é o fato de alguns pacientes recusarem até mesmo a tentativa de hipnose. Freud, então, passa a considerar os dois casos como idênticos. Em suas palavras: “[...] não hipnotizável é aquele que tem uma objeção psíquica à hipnose, não havendo diferença se ele expressa ou não o seu não querer.” (BREUER; FREUD, 1895/1981, p. 267, tradução nossa⁸).

Tornou-se necessário, assim, encontrar um meio de obter as lembranças patogênicas (*pathogenen Errinerungen*) prescindindo da hipnose, o que fez com que Freud começasse a introduzir mudanças na técnica de Breuer. Nas primeiras entrevistas alguns pacientes diziam nada saber a respeito do evento que desencadeou seus sintomas, enquanto outros descreviam uma lembrança obscura a partir da qual não conseguiam prosseguir. O criador da psicanálise lembra-se, então, das experiências que presenciara na época de seus estudos em Nancy, nas quais Bernheim (1837-1919) evocava em seus pacientes impressões recebidas no estado sonambúlico que, aparentemente, foram esquecidas. Diante disto, Freud torna-se insistente, assegurando aos seus pacientes que eles efetivamente sabem, e que a lembrança lhes viria à mente. Graças a esta insistência, algo ocorria aos que disseram que nada sabiam e os que chegaram somente até uma lembrança obscura tornavam-se capazes de avançar um pouco mais. Freud, com isso, torna-se ainda mais insistente com seus pacientes: pede-lhes que se deitem, fechem os olhos e se concentrem. Sem qualquer hipnose, novas lembranças que recuavam ainda mais no passado e que se relacionavam com os sintomas surgiam.

Essas experiências geraram a convicção de que seria possível, por meio da mera insistência, resgatar as séries de representações patogênicas (*pathogenen Vorstellungsreihen*) que se julgavam esquecidas, o que permitiu um passo importante no desenvolvimento da teoria que nos interessa. Ao longo deste processo, Freud percebe a existência de uma pressão

⁸ Nicht hypnotisierbar sei derjenige, der ein psychische Bedenken gegen die Hypnose, gleichgültig, ob er es als Nichtwollen äußert oder nicht.

(*Drängen*) que precisa ser superada para que as lembranças que se encontram na base dos sintomas venham à tona. Citemos essa importante passagem dos *Estudos*:

[...] e como essa pressão me custava esforços e me sugeria a ideia de que eu teria que superar uma resistência, impôs-se imediatamente à teoria o fato de que, por meio de meu trabalho psíquico, eu tinha que superar uma força psíquica nos pacientes, a qual se opunha a que as representações patogênicas se tornassem conscientes (fossem lembradas). (BREUER; FREUD, 1895/1981, p. 268, tradução nossa⁹).

Essa constatação levou a uma nova compreensão: a força psíquica que se opõe a que as representações patogênicas se tornem conscientes é a mesma que gera o sintoma histérico, isto é, que impede a descarga da quantidade de excitação. O fato de já dispor nessa época do material de muitas análises permitiu a Freud compreender a razão pela qual essa força se manifesta. As representações patogênicas esquecidas e, por conseguinte, expulsas da consciência são todas de natureza aflitiva: despertam vergonha, autocensura, dor psíquica e o sentimento de ser prejudicado. Por isso, são de uma espécie que se preferiria não ter experimentado, que se preferiria esquecer, isto é, do qual se procura defender-se. Sustentado por esta descoberta, Freud dá mais um passo no desenvolvimento da teoria da defesa, objeto deste capítulo de nosso trabalho. Em suas próprias palavras: “De tudo isso emergiu, como que por si mesma, a ideia de defesa.” (BREUER; FREUD, 1895/1981, p. 269, tradução nossa¹⁰).

Para explicitar em que consiste a defesa, Freud afirma que a aceitação (*Annahme*) de uma nova representação, no sentido de seu reconhecimento como algo real, depende da natureza e da tendência das representações previamente reunidas no Eu¹¹. Assim, ao demonstrar-se incompatível (*unverträglich*) com o Eu a representação patogênica aflitiva provoca uma força de repulsão (*Abstoßung*) que caracteriza a essência da defesa. O

⁹ [...] und da dieses Drängen mich Anstrengung kostete und mir die Deutung nehelegte, ich hätte einen Widerstand zu überwinden, so setzte sich mir der Sachverhalt ohneweiters in die Theorie um, daß ich durch meine psychische Arbeit eine psychische Kraft bei dem Patienten zu überwinden habe, die sich dem Bewußtwerden (Errinnern) der pathogenen Vorstellungen wiederzetze.

¹⁰ Aus alledem ergab sich wie von selbst der Gedanke der Abwehr.

¹¹ É importante lembrar que estamos ainda em 1895, ou seja, não se trata ainda, propriamente, do Eu instância psíquica da Segunda Tópica.

desencadeamento da neurose comprova que este processo é, de certa forma, bem-sucedido: a representação incompatível é forçada para fora da consciência e da memória, seu traço psíquico é aparentemente apagado. Contudo, o desencadeamento da neurose também prova que esse traço ainda existe. Segundo Freud, a cadeia associativa à qual pertencia a representação que foi objeto da defesa é passível de ser reconstruída. Em suas próprias palavras: “Se eu pudesse fazer com que parecesse provável que a representação se tornara patogênica precisamente por causa da expulsão e do recalque, a cadeia pareceria completa.” (BREUER; FREUD, 1895/1981, p. 269, tradução nossa¹²). Note-se que nesta passagem Freud utiliza dois termos para descrever a defesa: expulsão (*Ausstoßung*) e recalque (*Verdrängung*). Veremos que poucos anos após a publicação dos *Estudos* este segundo termo tornar-se-á sinônimo de *Abwehr* e o substituirá. Contudo, em meados da década de 20, a defesa será reabilitada, tornando-se um conceito mais amplo do que o de recalque.

Ainda no quarto capítulo dos *Estudos*, o criador da psicanálise afirma que é uma aversão (*Abneigung*) por parte do Eu, a qual se manifesta enquanto uma força psíquica, que impele a representação patogênica para fora da cadeia de associações e impede seu retorno. Assim, o não saber do paciente histérico sobre seu sintoma é, no fundo, um não querer saber. Procuraremos explicitar esse fato através de um caso clínico.

2.3 A defesa no caso Emma

Utilizaremos um caso de Freud apresentado em um texto que, embora tenha sido publicado postumamente, é contemporâneo aos *Estudos*: o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). Este texto, que na verdade é um manuscrito enviado por Freud a Fliess em 8 de outubro de 1895, caracteriza-se por ser uma tentativa de explicação neurológica dos fenômenos psíquicos. Entretanto, em sua segunda parte encontra-se uma extensa discussão sobre a etiologia da histeria.

¹² Wenn ich nun wahrscheinlich machen konnte, daß die Vorstellung gerade infolge der Ausstoßung und Verdrängung pathogen geworden war, so schien die Kette geschlossen.

Nesse contexto, o criador da psicanálise nos apresenta o caso de uma paciente, a qual ele denominou de Emma, que se defrontava com a compulsão de não poder entrar sozinha em lojas. Segundo ela, a causa dessa compulsão era a lembrança de um fato ocorrido na época em que tinha doze anos. Entrara numa loja para comprar algo e lá vira dois vendedores rindo juntos. Saiu correndo tomada por um afeto de susto. A partir deste relato, Freud consegue fazê-la recordar-se de que na ocasião pensara que estavam rindo de suas roupas e que um deles despertara-lhe desejo sexual. Contudo, a relação desses fragmentos entre si e o efeito da experiência permaneciam ininteligíveis. Sentir-se mal devido ao fato de suas roupas terem sido alvo de riso é algo que deveria ter sido remediado quando Emma passou a vestir-se como mulher. Além disso, suas roupas não tinham nada a ver com o fato de entrar sozinha ou acompanhada numa loja. Uma possível necessidade de proteção também não explicaria a compulsão, uma vez que até mesmo a companhia de uma criança pequena bastava para dar-lhe segurança. Assim como o fato de que um dos vendedores a agradara nada tem a ver com o estar ou não acompanhada. Logo, as lembranças que acediam facilmente à consciência não permitiam compreender nem a compulsão nem a determinação do sintoma.

Não obstante, como vimos, Freud nessa época insistia com seus pacientes. Com isso foi capaz de fazer vir à tona uma segunda lembrança associada à cena dos dois vendedores (Cena I). Quando tinha oito anos, Emma estivera numa confeitaria para comprar doces e o proprietário beliscara-lhe a genitália por cima da roupa. Apesar disso, voltara à confeitaria uma segunda vez, mas depois deixou de frequentá-la. Ela negou ter tido essa lembrança em mente durante a Cena I, e não há nada que o comprovasse. Além disso, recriminou-se por ter voltado à confeitaria, o que poderia significar que tivesse desejado provocar um novo atentado sexual.

Segundo Freud, a Cena II, a do confeitoiro, embora seja anterior torna compreensível a Cena I. É preciso apenas estabelecer um vínculo associativo entre as duas. Esse vínculo é encontrado no riso: o riso dos vendedores fez-lhe recordar-se de um provável sorriso que acompanhara a investida que sofrera. Ou seja, o riso dos vendedores evocou inconscientemente a lembrança da ação do confeitoiro. Há ainda outra semelhança entre as cenas: em ambas ela está sozinha. A partir daí, Freud interpreta:

A lembrança despertou o que ela certamente não era capaz na ocasião, uma *liberação sexual*, que se transformou em angústia. Devido a essa angústia, ela temeu que os vendedores da loja pudessem repetir o atentado e saiu correndo. (FREUD, 1895/2006, p. 408).

Entretanto, Freud também afirma que a lembrança da Cena II ocorreu num estado muito diferente do da Cena I. Embora a atração que sentiu pelo vendedor comprove a presença da liberação sexual também nesta cena, o elemento roupa é o único presente em ambas. Isso ocorreu porque esse elemento foi o único capaz de representar a cena na consciência, uma vez que pensar em termos de um atentado sexual fora-lhe, na época, impossível. Assim, duas conexões se estabeleceram no material: o riso, supostamente por causa da roupa, e a excitação por um dos vendedores. Representar na consciência todo o complexo de elementos da Cena II através do elemento roupa, o mais inocente, constitui o modo através do qual atuou a defesa, cujo resultado foi uma *próton pseudos*, uma primeira mentira histérica. Nas palavras de Freud: “Aqui houve um recalçamento acompanhado pela formação de símbolos.” (FREUD, 1895/2006, p. 409).

Uma parte importante da teoria da defesa, da qual não havíamos ainda nos ocupado, aparece na discussão feita por Freud desse caso: trata-se da retroatividade (*Nachträglichkeit*). O criador da psicanálise chama a atenção para o fato de que geralmente o elemento que penetra na consciência é o que desperta interesse especial. Porém, no caso em questão, não é isso o que ocorre. Não é o atentado que penetrou na consciência, mas outro elemento menos importante: a roupa, que se tornara símbolo daquele. Freud infere, então, que a liberação sexual seria a causa deste processo. No entanto, esta não fora vinculada ao atentado quando ele ocorrera, mas posteriormente. Citemos o texto de Freud:

Temos aqui um caso em que uma lembrança desperta um afeto que não pôde suscitar quando ocorre como experiência, porque, nesse entretanto, as mudanças trazidas pela puberdade tornaram possível uma compreensão diferente do que era lembrado (FREUD, 1895/2006, p. 410).

A partir do exemplo de Emma, o criador da psicanálise postula que as lembranças que sofrem o processo de defesa só se tornam traumáticas por uma ação retroativa. O caso Emma

ilustra o que Freud denomina de defesa patológica. Ainda no *Projeto para uma Psicologia Científica*, ele opõe a esta uma defesa normal. Vejamos o que lhe permite fazer tal distinção, uma vez que ela nos tornará mais claro o conceito de defesa.

2.4 Defesa normal e defesa patológica

Freud parte do pressuposto segundo o qual aquilo que ele denomina defesa normal é um processo conhecido com exatidão. Trata-se do dado de observação geral de que procuramos evitar pensar naquilo que provoca desprazer quando habita nossa consciência. Fazemos isto desviando nosso pensamento para outros assuntos. Entretanto, ainda que consigamos fazer com que uma dada ideia (B) permaneça afastada de nossa consciência, é impossível conseguir esquecê-la a tal ponto que nenhuma percepção nova reavive sua lembrança. Algo semelhante ocorre no processo de defesa patológico. É impossível evitar a reativação da representação aflitiva. No entanto, neste caso, ao invés de B uma outra ideia (A) torna-se consciente. É a formação de símbolo descrita no caso Emma, que aqui Freud destaca como a característica essencial da defesa patológica. Em suas próprias palavras: “É, portanto, a formação simbólica desse tipo estável que constitui a função que ultrapassa a defesa normal” (FREUD, 1895/2006, p. 406).

A primeira explicação que Freud propõe para esse fenômeno consiste em afirmar que, no caso da defesa patológica, o afeto defensivo seria mais intenso. Contudo, se assim fosse, nossas lembranças mais penosas e que, por isso, despertam o maior desprazer seriam sempre substituídas por símbolos. Porém, evidentemente, não é isso o que ocorre. Também a precondição da defesa patológica estipulada por Freud, isto é, sua relação com a sexualidade, o leva a procurar outra explicação, uma vez que não é justificado supor que os afetos penosos de tipo sexual sejam tão superiores em intensidade a todos os demais afetos que causam desprazer. Resta a hipótese de que alguma outra característica das ideias sexuais seja capaz de explicar o fato de que somente elas fiquem sujeitas à defesa patológica.

Como vimos, a defesa histérica ocorre com o auxílio da formação de símbolos, o que é descrito no *Projeto* como um deslocamento para outros neurônios. Assim, pode-se supor que

o que necessita de explicação é somente esse mecanismo de deslocamento, restando como evidente a própria defesa. Todavia, neste momento de suas investigações, Freud assevera que a análise da neurose obsessiva nos mostra que aí ocorre uma defesa sem formação de símbolos, o que o leva a afirmar que a defesa e a substituição estão cronologicamente separadas. Destarte, a defesa patológica permanece, em si mesma, enigmática. Uma elegante tentativa de desvendar esse enigma aparece em outro rascunho enviado por Freud a Fliess. Trata-se de uma carta escrita cerca de um ano após o *Projeto*, a *Carta 52*. Vejamos como a teoria da defesa aparece neste outro contexto.

2.5 A teoria da defesa na Carta 52

Embora as formulações teóricas de Freud ainda se encontrassem muito indiferenciadas das explicações neurológicas do *Projeto*, na *Carta 52* ele desenvolve considerações que se aproximam do que poderíamos designar como uma semiótica, prenunciando a Linguística de Ferdinand Saussure (1857-1913), que foi definitivamente articulada à Psicanálise por Lacan.

Neste momento, Freud estava trabalhando com a hipótese segundo a qual o aparelho psíquico, uma noção que permanecerá ao longo de toda sua obra, se forma através de um processo de estratificação. Ou seja, o material presente na forma de traços de memória sofre, de tempos em tempos, um rearranjo, ao qual Freud denomina retranscrição. Com isso, ele propõe uma nova teoria, segundo a qual a memória é vista como algo que não se faz presente de uma só vez, mas que se desdobra em diferentes momentos, isto é, é registrada através de diferentes tipos de traços. O criador da psicanálise ilustra sua teoria através do seguinte esquema:

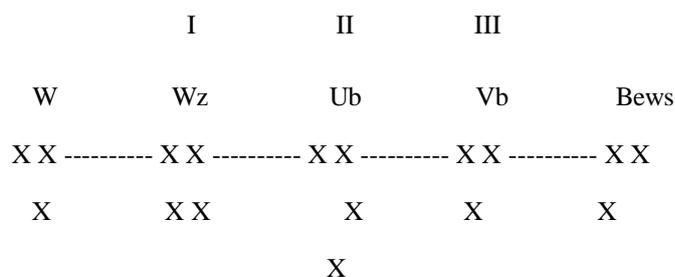


Figura 1: Esquema dos registros da memória. Fonte: FREUD, 1896/2006, p. 282.

Este esquema supõe que os diferentes registros encontram-se separados, embora não necessariamente do ponto de vista topográfico, mas em relação aos neurônios que são seus veículos. Uma suposição que Freud considera que talvez não seja necessária, porém é simples e provisoriamente admissível.

Em W temos as percepções (*Wahrnehmungen*). Elas se ligam à consciência, porém não conservam nenhum traço de algo que tenha ocorrido ao sujeito, uma vez que aqui, como no *Projeto*, Freud trabalha a partir da tese segundo a qual a consciência e a memória se excluem mutuamente. Wz representa os traços da percepção (*Wahrnehmungszeichen*). Trata-se do primeiro registro (*Niederschrift*) das percepções. Freud acredita que esses traços dificilmente chegam à consciência e se dispõem por associação por simultaneidade, outra noção trabalhada no *Projeto*. Ub é o estrato denominado inconsciência (*Unbewusstsein*), onde ocorre o segundo registro, o qual se dispõe a partir de outras relações, provavelmente causais. Os traços registrados nesse estrato não encontram acesso à consciência. Eles correspondem às lembranças conceituais. Vb, por sua vez, remete ao que Freud denomina pré-consciência (*Vorbewusstsein*). É onde ocorre o terceiro registro, através do qual os traços mnêmicos se ligam às representações de palavra. Nesse momento de sua obra, Freud associa a noção de pré-consciência ao Eu. As representações encontradas em Vb são as que atingem o último estrato: Bews, a consciência (*Bewusstsein*). Uma vez que memória e consciência se excluem, os neurônios da consciência são também os neurônios da percepção.

Freud trabalha com a hipótese segundo a qual os sucessivos registros representam as realizações psíquicas de épocas distintas da vida. Como dissemos, entre as fronteiras desses registros ocorre o processo de transcrição, também denominado tradução. Freud acredita que se conseguisse dar uma descrição completa de como esse processo ocorre – partindo da percepção e passando pelos três registros até chegar à consciência – teria descrito uma nova psicologia. No entanto, não é isso o que lhe interessa nesse momento. O que lhe interessa é, justamente, explicar o processo de defesa patológico na etiologia das neuropsicoses de defesa, uma das categorias nosológicas com a qual ele trabalhava nesta época. O criador da psicanálise supõe que, às vezes, algo impede que determinada parte do material psíquico seja traduzida para o registro subsequente. Uma vez que cada transcrição subsequente inibe a anterior e retira-lhe a excitação, quando não ocorre a tradução a excitação é manejada de acordo com as leis psicológicas vigentes no registro anterior, persistindo um anacronismo. É

precisamente isso o que ocorre no processo de defesa patológico. Nas palavras de Freud: “Uma falha na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como recalque.” (FREUD, 1896a/2006, p. 283). Temos aí a defesa patológica na *Carta 52*: a falha na tradução de um traço de memória de uma fase anterior. O motivo dessa falha é sempre o desprazer que seria gerado na tradução, o qual provoca um distúrbio do pensamento que impede o trabalho. Quando o desprazer decorre da relação entre registros de uma mesma espécie, isto é, de um mesmo substrato, temos a defesa normal.

Freud, então, retoma a afirmação feita no *Projeto* segundo a qual não é a intensidade do desprazer provocado por uma dada representação que determina o recalque, isto é, a defesa patológica. Pois é um fato inegável que lutamos frequentemente contra lembranças que produzem o máximo de desprazer e que, mesmo assim, insistem em nos importunar. Essa constatação leva Freud à seguinte formulação: se um evento A desperta certa quantidade de desprazer quando é atual, então o seu traço mnêmico, A I ou A II, possuirá um meio de inibir o desprazer quando sua lembrança for evocada. Assim, quanto maior a frequência com que uma dada lembrança retorna, mais inibido se torna o desprazer produzido por ela. Não obstante, há um caso no qual a inibição do desprazer não pode ocorrer: quando A, sendo atual, provoca determinado desprazer e sua lembrança provoca um novo desprazer. Nesse caso, a lembrança se apresenta como se fosse um evento atual. É precisamente o que acontece, segundo Freud, com os eventos sexuais, uma vez que a intensidade das excitações que eles causam aumentam com o desenvolvimento psicosexual. Dessa forma, um evento sexual de uma determinada fase atua sobre a fase seguinte de maneira análoga a um evento atual e, por isso, o desprazer que ele porventura produz não pode ser inibido. Assim, para resumir o que nos interessa essencialmente na *Carta 52*, citemos o próprio Freud: “O que determina a defesa patológica (recalque), portanto, é a natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior.” (FREUD, 1896a/2006, p. 284).

2.6 A defesa e o recalque

Diante do que desenvolvemos até aqui neste capítulo, acreditamos ser justificada a afirmação de Simanke (2009) segundo a qual a elaboração da teoria da defesa se constitui

como um dos mais importantes empreendimentos teóricos do momento inicial da obra de Freud.

Todavia, como dissemos, neste primeiro momento Freud utilizou os termos defesa (*Abwehr*) e recalque (*Verdrängung*) muito livremente, quase como sinônimos. A primeira ocorrência de *Verdrängung* na obra publicada de Freud ocorre na *Comunicação Preliminar* (1893) e a de *Abwehr* no artigo *As Neuropsicoses de Defesa* (1894). No prefácio à primeira edição dos *Estudos* (1895), Breuer e Freud parecem identificar esses dois conceitos ao afirmar que “[...] a sexualidade, enquanto fonte para traumas psíquicos e motivo para a ‘defesa’, para o recalque de representações para fora da consciência, desempenha um papel principal na patogênese da histeria.” (BREUER; FREUD, 1895/1981, p. 77, tradução nossa¹³). Esta identificação fica ainda mais evidente, nos parece, em *Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa* (1896b), onde Freud afirma: “[...] eu então [nos *Estudos*], pude descrever e ilustrar por meio de observações de doentes, em que sentido esse processo psíquico de ‘defesa’ ou ‘recalque’ é compreensível.” (FREUD, 1896b/1896b, p. 379, tradução nossa¹⁴).

Entretanto, a partir de 1897, ou seja, após o período de colaboração com Breuer, Freud, embora sem abandoná-lo completamente, passa a utilizar o termo *Abwehr* com menor frequência. A *Verdrängung* começa a ganhar primazia, sendo quase exclusivamente empregada no *Caso Dora* (1905) e nos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Desta feita, em *A História do Movimento Psicanalítico* (1914), Freud escreve que, na época dos *Estudos*, atribuiu a divisão (*Spaltung*) psíquica dos pacientes histéricos a um processo que ele primeiro denominou de defesa e depois de recalque. Assim, por um longo período Freud parece ter considerado o recalque como o mecanismo de defesa por excelência.

Não obstante, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) o criador da psicanálise reforma o conceito original de defesa e amplia-o, estabelecendo o recalque como um mecanismo de defesa dentre outros. Em suas próprias palavras:

¹³ [...] die Sexuatität spiele als Quelle psychischer Traumen und als Motiv der ‘Abwehr’, der Verdrängung von Vorstellungen aus dem Bewußtsein, eine Hauptrolle in der Pathogenese der Hysterie.

¹⁴ [...] habe ich dann erläutern und an Krankenbeobachtungen darlegen können, in welchem Sinne dieser psychische Vorgang der ‘Abwher’ oder ‘Verdrängung’ zu verstehen ist.

Acredito agora que constituirá uma vantagem certa recuperar o antigo conceito de defesa, contanto que seja utilizado para designar o conjunto de todas as técnicas das quais o Eu faz uso em conflitos que podem conduzir a uma neurose, enquanto o recalque permanece como o nome de um método de defesa específico, com o qual a direção adotada por nossas investigações, no primeiro momento, tornou-nos melhor familiarizados. (FREUD, 1926/1982, p. 300-301, tradução nossa¹⁵).

Freud justifica essa inovação terminológica referindo-se ao fato de suas primeiras observações do recalque terem sido feitas em relação à histeria. Segundo ele, a principal característica desta patologia seria o fato de o conteúdo perceptual de experiências excitantes e o conteúdo ideativo de estruturas patogênicas de pensamento serem esquecidos e impedidos de terem acesso à consciência. Entretanto, o estudo da neurose obsessiva levou-o à observação de que os pacientes que apresentam este quadro desenvolvem manifestações sintomáticas que se constituem como verdadeiros rituais por meio dos quais se visa desfazer magicamente, poder-se-ia dizer, algo feito anteriormente. O que fica claro é que estes rituais possuem uma finalidade defensiva, embora não guardem qualquer semelhança com o recalque, o que fundamenta a reintrodução do conceito de defesa para abranger todos os processos que tenham uma finalidade análoga, isto é, a proteção do Eu.

A ampliação do conceito de defesa para além do recalque tornou-se cara à Escola Inglesa de Psicanálise. Anna Freud, que podemos considerar uma representante desta corrente, enumera dez tipos de defesa em sua obra *O Ego e os Mecanismos de defesa*. São eles: regressão, recalque, formação reativa, isolamento, anulação, projeção, introjeção, inversão contra o eu, reversão e sublimação.

Não obstante, Lacan, grande adversário da psicologia do ego proposta pela Escola Inglesa, também usufruiu da ampliação do conceito de defesa. Ao estabelecer a neurose, a psicose e a perversão enquanto estruturas, ou seja, enquanto modos diversos de constituição subjetiva, vinculou a cada uma delas um processo de defesa específico.

¹⁵ Ich meine nun, es brigt einen sicheren Vorteil, auf den alten Begriff der Abwehr zurückzugreifen, wenn man dabei festsetzt, daß er die allgemeine Bezeichnung für alle die Techniken sein soll, deren sich das Ich in seinen eventuell zur Neurose führenden Konflikten bedient, während Verdrängung der Name einer bestimmten solchen Abwehrmethode bleibt, die uns infolge der Richtung unserer Untersuchungen zuerst besser bekannt worden ist.

Com efeito, ainda em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) Freud vislumbra a possibilidade de se identificar mecanismos de defesa específicos. Após reformar o conceito de defesa e distingui-lo do de recalque, ele afirma:

O sentido de tal nomenclatura é realçado quando se considera a possibilidade de que o aprofundamento de nossos estudos poderá revelar haver estreita ligação entre formas especiais de defesa e afecções específicas, como, por exemplo, entre recalque e histeria. (FREUD, 1926/1982, p. 301-302, tradução nossa¹⁶).

Ao propor mecanismos de defesa específicos para as suas estruturas, Lacan se interessou pelo vocabulário freudiano. Apropriou-se, assim, de termos utilizados pelo criador da psicanálise. Vinculou o termo *Verdrängung* à neurose, o termo *Verleugnung* à perversão e o termo *Verwerfung* à psicose. Esta última vinculação, que se deu através da tradução do termo por *forclusion*, se tornou uma das principais contribuições de Lacan à psicanálise. Contudo, no capítulo seguinte, mostraremos que Freud, a partir de 1923, utiliza frequentemente o termo *Verleugnung* para evidenciar o processo em causa na etiologia da psicose, embora também o utilize em passagens importantes nas quais discorre sobre a perversão.

¹⁶ Die Bedeutung einer solchen Namengebung wird erhöht, wenn man die Möglichkeit erwägt, daß eine Vertiefung unserer Studien eine innige Zusammengehörigkeiten zwischen besonderen Formen der Abwehr und bestimmten Affektionen ergeben könnte, z. B. zwischen Verdrängung und Hysterie.

3 A VERLEUGNUNG NA OBRA DE FREUD

3.1 A questão da tradução

Segundo o dicionário Michaelis Alemão/Português, o verbo *verleugnen*, a partir do qual é formado o substantivo *Verleugnung*, pode ser traduzido por ‘negar’, ‘desmentir’ ou ‘renegar’. Em seu *Vocabulaire de la Psychanalyse* Laplanche e Pontalis esclarecem que ele se aproxima semanticamente do verbo *verneinen* (negar) tomado no sentido de *renier* (renegar), *dénier* (denegar), *désavouer* (retratar), *démentir* (desmentir). Paulo César de Souza (1999), por sua vez, afirma que os verbos *leugnen e verleugnen* recobrem parte do campo semântico do verbo português ‘negar’ em sua acepção moral. Eles são utilizados em alemão, por exemplo, para as seguintes expressões: *seine Ideale verleugnen* (negar seus ideais), *seine Ursprung verleugnen* (negar sua origem), *Gotbestehen verleugnen* (negar a existência de Deus), *seinen Glauben verleugnen* (renegar sua fé). Utilizamos negar e renegar para traduzi-los em nossa língua porque o nosso ‘negar’ possui um leque de sentidos mais amplo do que o alemão *verneinen*. Na língua germânica, esse verbo tem basicamente os sentidos de responder com um ‘não’ a uma pergunta e opor-se, não estar de acordo com algo. Já em português, ‘negar’ implica, além desses sentidos, em ‘abandonar’, ‘repudiar’, ‘trair’, ‘abjurar’ e ‘recusar’, dentre outras acepções.

Cabe aqui um esclarecimento sobre o prefixo *ver*. Esse prefixo aparece em uma infinidade de verbos alemães. Em alguns casos, ele denota ‘ruptura’, uma ‘falha’ na ação. Em outros casos, porém, ele indica ‘reforço’, ‘intensificação’, ou até mesmo ‘perfeção’, ‘completude’ da ação. De acordo com Souza (1999), em *verleugnen e verneinen* ele denota ‘reforço’, ‘realce da ação’. Assim, não se deve confundi-lo com o sentido de lapso ou de ação falha presentes em verbos como *verschreiben*, *vergreifen* ou *verlesen*, apresentados por Freud em *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901).

Diante de tudo isso, pode-se apontar que a tradução de *Verleugnung* é um problema a ser enfrentado pelos estudiosos da obra freudiana. James Strachey, na *Standard Edition*, optou por utilizar *disavowal*. Porém, alguns psicanalistas de língua inglesa preferem *denial*. Em francês, tornou-se consagrada a tradução por *déni*. Não obstante, Roudinesco (1998) nos informa que em 1967 Guy Rosolato propôs o termo *désaveau*, para distinguir de forma clara a

Verleugnung da *Verneinung*, que geralmente é traduzida por *dénégation*. Em nossa língua, os psicanalistas utilizam ‘recusa’, ‘rejeição’, ‘renegação’, ‘denegação’ ou mesmo ‘desmentido’. Nas traduções que compõem a *Edição Standard Brasileira*, não houve o cuidado de se empregar um único termo para todas as ocorrências da *Verleugnung* nos textos originais alemães. Algumas vezes encontramos ‘rejeição’, porém em outras ‘recusa’. Nas novas traduções da Imago feitas sob a coordenação de Luiz Alberto Hans optou-se por ‘renegação’. Em seu *Dicionário Comentado do Alemão de Freud* ele justifica esta opção argumentando que a raiz etimológica dos verbos *leugnen* e *verleugnen* é o verbo *lügen* (mentir). Assim, a *Verleugnung* permaneceria ambígua entre a verdade e a mentira, ambigüidade que seria preservada no termo pelo qual optou, assim como no termo ‘desmentido’. Por fim, Paulo César de Souza, que está se ocupando de uma tradução direta do alemão das *Gesammelte Werke*, por isso intitulada *Obras Completas*, optou por ‘recusa’, sem justificar, no entanto, esta escolha.

Consideramos razoável reservar, no contexto psicanalítico, ‘negação’ para se traduzir *Verneinung*, já que *nein* em alemão significa literalmente ‘não’. Por outro lado, a palavra portuguesa ‘renegação’, segundo o Aurélio, tem o sentido primordial de ‘renúncia solene’, ‘descrença’. Assim, ela se aproxima do uso coloquial da *Verleugnung* em alemão, mas não necessariamente do uso técnico em psicanálise. Destarte, decidimos adotar neste trabalho o termo ‘recusa’, pois nos parece ser o que melhor explicita o mecanismo de defesa que estamos investigando. Também segundo o Aurélio, este vocábulo designa uma negação no sentido de uma ‘não aceitação’, de uma ‘oposição’. Os motivos de nossa escolha se tornarão claros após a análise do emprego deste termo por Freud em sua obra, o que faremos a seguir. Antes, porém, mencionaremos brevemente o motivo pelo qual não adotamos o termo ‘rejeição’, que também seria adequado. Acreditamos ser apropriado reservá-lo para traduzir *Verwerfung*. Embora Freud raramente faça um uso conceitual rigoroso deste termo, isto ocorre quase exclusivamente no *Caso do Homem dos Lobos*, Lacan o tornou célebre ao traduzi-lo por *forclusion*. Este vocábulo francês, no entanto, não encontra um equivalente exato na língua portuguesa, e por isso costuma ser traduzido pelos neologismos ‘forclusão’ ou ‘foraclusão’. Embora nos pareça legítimo o uso destes neologismos para verter o vocábulo francês, não nos parece conveniente o uso de um neologismo para traduzir o termo alemão, o qual não apresenta grandes dificuldades de tradução. Em sua raiz temos o verbo *werfen*, que segundo o dicionário Michaelis Alemão/Português significa ‘lançar’, ‘jogar’, ‘arremessar’,

‘atirar’. Assim, como dissemos, nos parece apropriado reservar ‘rejeição’ para traduzir *Verwerfung*, pois segundo o Aurélio o seu sentido primordial é o de ‘lançar fora’, ‘largar’, ‘dispor’, ou seja, ele se aproxima de forma inequívoca da raiz semântica do termo alemão.

3.2 A *Verleugnung* em *A Organização Genital Infantil*

Com efeito, a primeira vez que Freud utiliza a noção de recusa em um sentido que poderíamos qualificar como técnico ocorre em *A Organização Genital Infantil* (1923). Em uma passagem na qual coloca que as crianças recusam (*leugnen*) a realidade da ausência do pênis nas meninas. Citemos a passagem em questão: “Elas [as crianças] recusam essa falta e acreditam ainda ver um membro [...]” (FREUD, 1923/1981, p. 296, tradução nossa¹⁷). Essa passagem ocorre no contexto da discussão sobre a primazia do falo na distinção entre os sexos. Freud afirma que um menino com menos de cinco anos é, sem dúvida, capaz de perceber a distinção entre homens e mulheres. Porém, a princípio, ele não vincula essa diferença aos órgãos genitais. Parece-lhe legítimo presumir que todos os outros seres vivos, humanos e animais, e, em alguns casos, até mesmo seres inanimados, possuem um órgão genital como o seu. Isso porque essa parte de seu corpo, tão excitável, sujeita a mudanças e rica em sensações, desperta-lhe o impulso de pesquisa. Isso o faz querer compará-la em outras pessoas, uma vez que parece intuir que este órgão poderia e talvez devesse ser maior. Assim, ao constatar, por exemplo, através da visão acidental do órgão genital de uma irmãzinha ou de uma companheira de brincadeiras, que nem todas as crianças possuem um pênis, o menino recusa essa impressão. Ele passa, então, a formular teorias. Em uma primeira delas ele conjectura, por exemplo, que o pênis da menina é ainda muito pequeno e que, por isso, ainda não pode ser visto. E isso até que ele chega à suposição de que as meninas já tiveram um pênis, e que esse lhes fora retirado. Assim, a falta do pênis é vista como um resultado da castração, e o menino é levado a se confrontar com a ideia de que ele também pode vir a ser vítima desta punição. Isto é o que Freud denomina de complexo de castração (*Kastrationskomplexes*).

¹⁷ Sie leugnen diesen Mangel, glauben doch ein Glied zu sehen [...]

Entretanto, o criador da psicanálise afirma que não se deve supor que os meninos generalizam imediatamente sua observação da falta de pênis nas mulheres. Segundo ele, uma vez que essa falta é vista como uma punição, eles se convencem de que apenas as mulheres desprezíveis são castradas. Outras mulheres a quem eles respeitam, por exemplo, sua mãe, permanecem tendo um pênis por muito mais tempo em sua fantasia. Logo, ser mulher não significa ainda não ter pênis. A mãe perde seu pênis no momento em que a criança se envolve com o problema da origem dos bebês, e descobre que apenas as mulheres são capazes de dar-lhes nascimento. Surgem, então, teorias que explicam a troca do pênis por um bebê, o que leva Freud a afirmar que, no inconsciente, uma criança simboliza o pênis da mãe.

Destarte, a primeira vez que Freud utiliza a noção de recusa em um sentido que estamos qualificando como técnico, ele o faz para precisar o mecanismo de defesa em jogo em um processo cuja importância reconhecera quase vinte anos antes. O tema da castração aparece de forma clara pela primeira vez no artigo *Sobre as Teorias Sexuais Infantis* (1908). Não obstante, ele foi suscitado pela análise do Pequeno Hans, iniciada em 1906. O termo complexo de castração dá título a uma seção acrescentada em 1915 aos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905).

3.3 A *Verleugnung* em *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*

A segunda ocorrência importante da recusa se dá em *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose* (1924). Neste artigo, Freud retoma e amplia a discussão presente em *Neurose e Psicose* (1924). Ele procura retificar a afirmação que fizera, segundo a qual a psicose, diferentemente da neurose, seria marcada por um afastamento da realidade. Com efeito, a experiência mostra que também na neurose há uma perturbação na relação com a realidade. Mais do que isso, em suas formas mais graves, a neurose se constitui enquanto uma autêntica fuga da realidade. Se Freud havia afirmado que na neurose há uma conservação da relação com a realidade, isso se deu porque dirigira sua total atenção àquilo que chama de entrada na neurose, ou seja, o recalque promovido pelo Eu, a serviço da realidade, de uma moção pulsional (*Triebregung*). Contudo, não é o recalque em si que configura a neurose, mas

o seu fracasso. Assim, a perturbação da relação com a realidade é a consequência desse fracasso.

Não obstante, Freud coloca que sua distinção entre neurose e psicose também pode parecer objetável nos casos de neurose em que há uma circunstância desencadeante que foi afastada ao ser relegada ao esquecimento. Ele cita o caso de Elisabeth Von R., descrito nos *Estudos Sobre Histeria* (1895). Por ser apaixonada por seu cunhado, ela é tomada, no leito de morte da irmã, pela ideia de que ele agora estava livre para se casar com ela. Uma vez que era incompatível com as aspirações morais da paciente, essa reivindicação pulsional fora recalçada. Freud, então, faz a seguinte afirmação: “A reação psicótica teria sido recusar o fato da morte da irmã.” (FREUD, 1924/1981, p. 364, tradução nossa¹⁸). Ora, Freud dá aqui alguns passos além na direção do estabelecimento do conceito de recusa em relação à discussão presente em *A Organização Genital Infantil* (1923). Ele utiliza o verbo com o prefixo *ver*, o que tem importância quando se leva em conta o fato de o primeiro mecanismo de defesa estabelecido por ele, o recalque (*Verdrängung*), possuir este prefixo. Mais importante do que isso, ele parece estabelecer a *Verleugnung* como uma defesa específica da psicose.

3.4 A *Verleugnung* em Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos

Em *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos* (1925), Freud inverte o ponto de vista apresentado em *A Organização Genital Infantil* (1923); ele examina o complexo de castração do ponto de vista da menina. Nesse contexto, ele ressalta o que denomina de inveja do pênis (*Penisneid*). Ao perceber que os meninos possuem um órgão notavelmente visível e de proporções maiores que o seu, a menina o identifica como um correspondente superior de seu órgão, imperceptível e pequeno, e passa a querê-lo para si. Surge assim o complexo de masculinidade (*Männlichkeitskomplex*) das mulheres, uma expressão de Van Ophuijsen (1917) adotada por Freud. A não superação desse complexo dificulta o desenvolvimento da menina no sentido de sua feminilidade. Isso ocorre, segundo

¹⁸ Die psychotische Reaktion wäre gewesen, die Tatsache des Todes der Schwester zu verleugnen.

Freud, de duas formas. Na primeira delas, a esperança de obter um pênis perdura até uma idade avançada tornando-se motivo para ações estranhas e, de outro modo, inexplicáveis. Já na segunda forma, a que nos interessa mais particularmente, a menina recusa a ausência do pênis, tal como o menino descrito em *A Organização Genital Infantil* (1923).

A passagem em questão é extremamente importante para este trabalho. Citemo-la: “[...] pode entrar em jogo o processo que eu gostaria de designar como recusa, o qual na vida mental das crianças não parece ser incomum nem muito perigoso, mas que em adultos introduziria uma psicose.” (FREUD, 1925/1982, p. 261, tradução nossa¹⁹). Essa passagem é muito importante por duas razões. A primeira delas é que, diferentemente do que ocorre em *A Organização Genital Infantil* (1923/2006) e em *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose* (1924), Freud não utiliza um verbo (*leugnen* ou *verleugnen*), mas um substantivo (*Verleugnung*), o qual denomina um mecanismo (*Vorgang*) da vida mental. A segunda delas é o fato de Freud reafirmar esse mecanismo como algo específico da psicose. Lembremos que, nessa época, ele já trabalhava com a noção de uma oposição excludente entre neurose e psicose. Isso nos faz questionar o porquê de Lacan não ter se apropriado da *Verleugnung* ao invés da *Verwerfung* para propor a sua forclusão. Contudo, devemos adiar essa discussão para o momento de concluir nosso trabalho. Por ora, daremos sequência à nossa investigação sobre o conceito freudiano de recusa.

3.5 A *Verleugnung* em *O Fetichismo*

No artigo *O Fetichismo* (1927), Freud retoma a discussão sobre o complexo de castração. Ele afirma que após analisar diversos casos de fetiche masculino chegou à conclusão de que este é sempre um substituto para o pênis. Porém, não para qualquer pênis, mas para um pênis específico e que foi muito importante na infância: o pênis da mulher. Trata-se, ainda mais especificamente, do pênis da mãe, no qual o menino acreditou e do qual não quer abrir mão. Assim, Freud coloca que a constatação de que as mulheres não têm pênis

¹⁹ [...] es tritt der Vorgang ein, den ich als Verleugnung bezeichnen möchte, der im kindlichen Seelenleben weder selten noch sehr gefährlich zu sein scheint, der aber beim Erwachsenen eine Psychose einleiten würde.

desafia o narcisismo do menino. Uma vez que a mulher é castrada, ele acredita, em sua fantasia, que também pode vir a ser. Assim, nas palavras de Freud, um homem adulto também pode experimentar um pânico semelhante quando escuta o brado de que o Trono e o Altar estão em perigo, o que desencadeia as mesmas conseqüências ilógicas da infância.

Na seqüência do texto, Freud afirma que René Laforgue (1894-1962) propõe o termo ‘escotomizar’ (*skotomisiert*) para falar da percepção da falta de pênis da mulher. Porém, segundo ele, um termo técnico não é necessário, uma vez que não se trata de um fato novo, mas do processo patológico ao qual se refere o mais antigo conceito da terminologia psicanalítica, o conceito de recalque²⁰. Ele diz que o que talvez seja justificável seria reservar a palavra *Verdrängung* para designar o destino do afeto (*Affekt*) e empregar a palavra *Verleugnung* para nomear o destino da ideia (*Vorstellung*) ao cabo do processo de defesa. Nas palavras de Freud: “Se quisermos distinguir mais precisamente o destino da ideia daquele do afeto, reservando a expressão ‘recalque’ para o afeto, então a designação correta para o destino da ideia seria ‘recusa’.” (FREUD, 1927/1982, p. 384, tradução nossa²¹).

Freud, então, afirma ainda que a palavra ‘escotomização’ (*Skotomisation*) parece-lhe inapropriada, uma vez que ela sugere que a percepção foi inteiramente apagada. Ao contrário, ele assevera que a percepção permanece e que uma ação enérgica precisa ser empreendida para sustentar a recusa. Ocorre que a criança, ao mesmo tempo, mantém a crença e a abandona. Entre a percepção indesejada e o desejo contrário a ela produz-se um compromisso, tal como só ocorre sob a égide do processo primário, ou seja, no inconsciente. Assim, para o fetichista a mulher permanece tendo um pênis. Porém, não aquele que lhe teria sido extirpado através da castração, mas um substituto, o qual herda todo o interesse que fora dirigido ao seu predecessor. Destarte, o fetiche é, segundo Freud, o indício de um triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela.

Desse modo, no artigo *O Fetichismo* (1927) a recusa ganha um novo contorno. Através dela algo é, ao mesmo tempo, negado e salvaguardado. Não obstante, poder-se-ia

²⁰ Embora Freud faça essa afirmação, como vimos, na verdade em seus primórdios o conceito de recalque encontrava-se emaranhado no conceito de defesa, sendo impossível distinguir qual dos dois seria o mais antigo.

²¹ Will man in ihm das Schicksal der Vorstellung von dem des Affekts schärfer trennen, den Ausdruck ‘Verdrängung’ für den Affekt reservieren, so wäre für das Schicksal der Vorstellung ‘Verleugnung’ die richtige deutsche Bezeichnung.

dizer que um passo atrás é dado em relação às considerações presentes em *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose* (1924) e em *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos* (1925). Pois a recusa aparece não como um processo específico, mas como parte, ao lado do recalque, de um processo maior de defesa. Além disso, nesta passagem a psicose não é mencionada, a recusa é associada ao mecanismo de formação de um fetiche, isto é, à perversão.

3.6 A *Verleugnung* em *Construções em Análise*

O processo de recusa volta a ser associado à psicose em *Construções em Análise* (1937). Na terceira parte desse artigo Freud se diz intrigado com o fato de, em certas análises, a comunicação ao paciente de uma construção apropriada evocar recordações descritas por eles como ‘ultraclaras’ (*überdeutlich*). Porém, o que eles recordam não é propriamente o tema da construção, mas pormenores relativos a ele. Freud, então, afirma que essas recordações podem ser consideradas como um compromisso entre a ‘pulsão ascendente’ (*Auftrieb*) do recalque, a qual foi mobilizada pela construção, e uma resistência (*Widerstand*), que aquela faz deslocar (*verschiben*) para objetos vizinhos de menor significação.

O criador da psicanálise, então, acrescenta que se uma crença em sua presença concreta tivesse sido somada à clareza dessas recordações, elas poderiam ser descritas como alucinações. Para fazer essa afirmação ele se sustenta no fato de ter observado alucinações em pacientes que não eram psicóticos. A partir desse fato, desenvolve a hipótese segundo a qual nas alucinações algo que foi vivenciado na infância e esquecido retorna, embora deformado pelas forças que se opõem a esse retorno. Desse modo, levando em consideração a estreita relação entre a alucinação e a psicose, Freud dá um passo além em sua linha de raciocínio. Ele afirma que os delírios, aos quais uma alucinação geralmente é incorporada, talvez sejam menos independentes do retorno do recalque do que ele mesmo costumava presumir. Até então, acentuava dois fatores no delírio: por um lado, o seu afastamento da realidade e, por outro, a realização de desejo em jogo em seu conteúdo. Não obstante, é possível que o afastamento da realidade seja causado pelo retorno do recalque, enquanto a deformação e o deslocamento do que é recordado sejam obra de um compromisso entre a resistência e a

tendência à realização de desejo. É o que ocorre nos sonhos, que desde sempre foram aproximados da loucura.

Diante dessas considerações, Freud assevera que a loucura não apenas tem método, mas talvez também possua algo de uma verdade histórica. Mais do que isso, os delírios seriam uma tentativa de explicação e de cura. Chegamos, assim, na passagem que nos interessa. Freud afirma que o sujeito psicótico, através do delírio, substitui o traço de verdade histórica que está sendo recusado em seu passado e que há uma relação entre a recusa e o recalque. Citemos a passagem em questão:

Os delírios dos doentes parecem-me ser os equivalentes das construções que erguemos no tratamento analítico, tentativas de explicação e de cura que, sob as condições da psicose, não podem fazer mais do que substituir o fragmento da realidade recusado no presente por um outro fragmento, o qual também foi recusado em um momento precoce. Será tarefa de cada investigação individual revelar as relações íntimas existentes entre o material da recusa no presente e o do recalque no passado.” (FREUD, 1937/1982, p. 405, tradução nossa²²).

Para sintetizar o que encontramos de importante sobre a recusa em *Construções em Análise* (1937), diríamos, em primeiro lugar, que ela volta a ser associada à psicose. Contudo, ela é colocada por Freud, nesse momento, como um processo secundário em relação ao recalque, diferentemente do que ocorre nos outros artigos que já investigamos.

²² Die Wahnbildungen der Kranken erscheinen mir als Äquivalente der Konstruktionen, die wir in den analytischen Behandlungen aufbauen, Versuche zur Erklärung und Wiederherstellung, die unter den Bedingungen der Psychose allerdings nur dazu führen können, das Stück Realität, das man in der Gegenwart verleugnet, durch ein anderes Stück zu ersetzen, das man in früher Vorzeit gleichfalls verleugnet hatte. Die intimen Beziehung zwischen dem Stoff der gegenwärtigen Verleugung und dem der damaligen Verdrängung aufzudecken wir die Aufgabe der Einzeluntersuchung.

3.7 A *Verleugnung* em *A Cisão do Eu no Processo de Defesa*

O próximo texto no qual nos deteremos para investigar a noção de recusa em Freud é o artigo inacabado intitulado *A Cisão do Eu no Processo de Defesa* (1938). A recusa aparece em três passagens desse artigo. Em todas elas, o que está em jogo é, novamente, o complexo de castração. Vejamos no detalhe essas passagens.

Na primeira delas o que está em questão é, mais precisamente, a ameaça de castração dirigida a uma criança do sexo masculino como punição ao seu comportamento masturbatório²³. Assim como em *A Organização Genital Infantil* (1923), Freud afirma que após observar que as meninas não têm pênis o menino passa a acreditar que essa punição possa de fato ocorrer, cabendo-lhe somente duas alternativas: renunciar à prática masturbatória ou recusar a ausência de pênis na mulher. Eis a passagem:

Ele deve, então, decidir-se: ou reconhecer o perigo real, submeter-se a ele e renunciar à satisfação pulsional, ou recusar a realidade, convencendo-se de que não há razão para o temor e, com isso, podendo permanecer na busca de satisfação. (FREUD, 1938a/1981, p. 59, tradução nossa²⁴).

Nessa passagem não há qualquer novidade em relação ao modo como a recusa é apresentada nos outros artigos que já trabalhamos. Contudo, Freud avança afirmando que a criança não segue nem um dos dois caminhos, isto é, ela, ao mesmo tempo, reconhece e recusa a realidade, o que promove uma cisão (*Spaltung*) no próprio Eu. Essa afirmação nos remete ao próprio título do artigo, o qual anuncia uma cisão no Eu por obra do processo de defesa (*Abwehrvorgang*). Em todo o artigo, embora não devamos esquecer que ele é inacabado, não há qualquer menção ao recalque. Assim, parece nos lícito supor que o processo de defesa em questão é a *Verleugnung*. Logo, seria ela que provocaria essa cisão do

²³ Sabe-se que a criança em questão na descrição feita por Freud é o Homem dos Lobos.

²⁴ Es soll sich nun entscheiden: entweder die reale Gefahr anerkennen, sich vor ihr beugen und auf die Triebbefriedigung verzichten, oder die Realität verleugnen, sich glauben machen, dass kein Grund zum Fürchten besteht, damit es an der Befriedigung festhalten kann.

Eu. Reconhecer a possibilidade de uma cisão do Eu promovida por um processo de defesa leva Freud a retificar a posição que sempre defendera, segundo a qual os processos que ocorrem no Eu têm sempre como meta uma síntese. Ele diz que estava equivocado, uma vez que se tornou claro que a função sintética do Eu depende de certas condições, e que ela é vulnerável a perturbações.

É interessante observar que a Escola Inglesa de Psicanálise parece ter ignorado o artigo em questão. Ao afirmar que os processos de defesa estão a serviço do Eu ela parece não levar em contato o fato, reconhecido por Freud, de que eles também podem causar-lhe perturbações.

Na segunda passagem de *A Cisão do Eu no Processo de Defesa* (1938) na qual a recusa é evocada, Freud afirma que o menino, através de um fetiche, criou um substituto para o pênis de que sentia falta nas meninas. Ele o fez recusando a realidade para salvar seu pênis da ameaça de castração. Nas palavras de Freud: “Com isso ele, de fato, recusou a realidade, mas salvou seu próprio pênis” (FREUD, 1938a/1981, p. 61, tradução nossa²⁵). Também nessa passagem não há qualquer novidade em relação ao que já vimos até agora sobre a recusa. Trata-se simplesmente do mecanismo de formação de um fetiche, descrito em seus pormenores em *O Fetichismo* (1927). Contudo, na sequência do texto, Freud coloca que a atitude do menino causa impacto, pois o que está em jogo é um afastamento da realidade, um processo típico da psicose. A diferença consiste no fato de o menino não ter contestado sua percepção alucinando um pênis onde não havia nenhum para ser visto, ele apenas deslocou o valor do pênis para outro local do corpo das mulheres. Ou seja, nesse momento a *Verleugnung* é colocada como o primeiro momento tanto da psicose quanto da perversão, o que as distinguiria seria o modo como o que foi recusado retorna: por meio de uma alucinação na psicose e de um fetiche na perversão.

A última ocorrência da *Verleugnung* no artigo que estamos investigando agora se dá no último período do mesmo, mais precisamente em sua última oração. O interessante nessa passagem é que Freud coloca de forma clara uma oposição entre os processos de recusa e de reconhecimento (*Anerkennung*) da castração. Após afirmar que, para além do fetiche, o menino desenvolveu também sintomas neuróticos, quais sejam, um intenso medo de ser

²⁵ Damit hatte er zwar die Realität verleugnet, aber seinen eigenen Penis gerettet.

punido pelo pai e uma susceptibilidade temerosa ao toque dos dedos do pé, Freud diz que parece haver um vaivém entre a recusa e o reconhecimento: “[...] como se entre o para cá e o para lá da recusa e do reconhecimento da castração, devesse ainda advir uma expressão mais precisa” (FREUD, 1938a/1981, p. 62, tradução nossa²⁶).

3.8 A *Verleugnung* em *Esboço de Psicanálise*

Finalmente, as últimas ocorrências da noção de recusa que analisaremos se dão na última grande obra escrita por Freud, a qual foi publicada postumamente em 1940, cerca de um ano após sua morte. Trata-se do *Esboço de Psicanálise* (1938), uma obra na qual Freud apresenta os princípios que constituem a psicanálise de forma condensada. O interessante é que, ao fazê-lo, ele acaba lançando uma nova luz sobre os pontos que aborda. É o que acontece, por exemplo, com a questão da recusa, retomada no oitavo capítulo, intitulado *O aparelho psíquico e o mundo externo*.

Após discorrer sobre a separação que ocorre entre o Eu e o Isso, instâncias psíquicas que juntamente com o Supereu compõem a Segunda Tópica, Freud afirma que o Eu deve sua origem e suas mais importantes características à sua relação com o mundo externo (*Aussenwelt*). Assim, quando o Eu se reaproxima do Isso, cessando ou afrouxando sua relação com o mundo externo, ele cai em um estado patológico. Segundo Freud, é o que ocorre na psicose, cujas causas desencadeantes são o fato de a realidade se tornar insuportavelmente penosa e a intensificação desmesurada das pulsões. Não obstante, a psicose seria facilmente compreensível se o desligamento da realidade fosse completo, porém não é o que acontece. Freud assevera que até mesmo na Amênia, um quadro de confusão alucinatória descrito por Meynert (1833-18991), algo no sujeito permanece saudável, embora se comporte como um espectador em relação ao tumulto da doença. Desse modo, Freud evoca a hipótese da cisão (*Spaltung*), descrita no artigo inacabado que trabalhamos. Ele afirma que na psicose duas atitudes psíquicas se formam de uma só vez: uma leva em conta a realidade e a outra, sob

²⁶ [...] als ob in dem sonstigen Hin und Her von Verleugnung und Anerkennung der Kastration doch noch ein deutlicherer Ausdruck zukäme...

influência das pulsões, se afasta da realidade. Quando a segunda dessas atitudes se torna mais forte, satisfaz-se a condição para o surgimento de um delírio psicótico. Diante dessa consideração, Freud afirma que, em última análise, o delírio já se encontrava pronto muito antes de sua manifestação.

Até aqui não houve ainda menção ao processo de recusa. Todavia, na sequência do texto, Freud chama a atenção para o fato de a cisão do Eu (*Ichspaltung*), própria da psicose, ser encontrada também em estados mais próximos da neurose. Curiosamente, ele define esses estados como perversões²⁷ e retoma a discussão sobre o complexo de castração. É aí que aparecem as primeiras menções à recusa. O contexto é o mesmo daquele apresentado em *O Fetichismo* (1927) e em *A Cisão do Eu no Processo de Defesa* (1938). Freud descreve o surgimento de um fetiche baseando-se novamente no fato de o sujeito, quase sempre do sexo masculino, recusar a percepção da falta de pênis da mulher, sem que, no entanto, ocorra uma alucinação, mas somente um deslocamento do valor desse órgão para outra parte do corpo ou para um objeto. Nas palavras de Freud:

Ele recusa, assim, a própria percepção sensorial, a qual lhe mostrou a ausência de pênis dos genitais femininos, e se sustenta na convicção contrária. A percepção recusada, no entanto, não permanece totalmente sem influência, pois ele não chega a ter a coragem de afirmar que realmente viu um pênis. Ao invés disso, ele toma outra coisa, uma parte do corpo ou um objeto, e lhe atribui o papel de pênis, o qual ele não quer perder. (FREUD, 1938b/1981, p. 132, tradução nossa²⁸).

O interessante nessa passagem é que o fetiche aparece claramente descrito como o segundo momento do processo, como uma espécie de retorno do recusado – parafraseando a expressão cunhada por Freud para dizer do mecanismo de formação dos sintomas neuróticos.

²⁷ É interessante observar aqui que nos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) Freud define a perversão como o negativo da neurose. Acreditamos poder supor que a aproximação entre essas duas categorias se deu devido ao estabelecimento da oposição excludente entre neurose e psicose, ocorrido no artigo *Neurose e Psicose* (1923).

²⁸ Er verleugnet darum die eigene Sinneswahrnehmung, die ihm den Penismangel am weiblichen Genitale gezeigt hat, und hält an der gegenteiligen Überzeugung fest. Die verleugnete Wahrnehmung ist aber auch nicht ganz ohne Einfluss geblieben, denn er hat doch nicht den Mut zu behaupten, er habe wirklich einen Penis gesehen. Sondern er greift etwas anderes, Körperteil oder Gegenstand, auf und verleiht dem die Rolle des Penis, den er nicht vermiss will.

Após uma outra ocorrência do verbo *verleugnen* no artigo, sobre a qual não nos deteremos, pois nela simplesmente é reafirmado que o fetichista recusa a percepção da ausência de pênis na mulher, Freud coloca que a cisão do Eu, assim como ocorre no caso da psicose, tampouco se restringe ao caso do fetichismo. Ele volta à tese segundo a qual o Eu infantil, sob o domínio do mundo real, regula as exigências pulsionais indesejáveis através de recalques (*Verdrängungen*). Porém, acrescenta que o Eu, concomitantemente, também recusa percepções de exigências aflitivas da realidade, e que recusas desse tipo não são privilégio dos fetichistas. Citemos:

Completaremos agora a nossa tese através da seguinte constatação: o Eu, no mesmo período da vida, com frequência se encontra na situação de ter que se defender de exigências penosas oriundas do mundo externo, o que ocorre através da *recusa* das percepções que dão conhecimento dessas exigências da realidade. Tais recusas ocorrem muito frequentemente, não apenas em fetichistas, e sempre que chegamos à situação de estudá-las, revelam-se como meias-medidas, como incompletas tentativas de substituição da realidade. (FREUD, 1938b/1981, p. 134, tradução nossa²⁹).

Assim, nessa última ocorrência da recusa que examinaremos, fica claro que Freud expande esse processo para além dos casos de psicose e de perversão, fazendo dele algo característico da constituição do aparelho psíquico. O que nos leva à hipótese segundo a qual Freud teria, com o desenvolvimento de suas investigações sobre o tema, passado a dar uma importância cada vez maior à recusa.

Para Laplanche e Pontalis (2007), o destaque progressivo que Freud dá ao processo de recusa é um signo, dentre outros, de sua preocupação constante de descrever um mecanismo originário de defesa para a psicose. Os autores acreditam que a noção de recusa se insere na linha de pesquisa prefigurada em certas passagens do *Caso do Homem dos Lobos*. Em uma dessas passagens, escrita quase dez anos antes da primeira aparição da noção de recusa, Freud coloca que subsistiu no menino três correntes. Duas opostas: uma que abominava a castração

²⁹ Wir ergänzen sie jetzt durch die weitere Feststellung, dass das Ich in der gleichen Lebensperiode oft genug in die Lage kommt, sich einer peinlich empfundenen Zumutung der Aussenwelt zu erwehren, was durch die *Verleugnung* der Wahrnehmungen geschieht, die von diesem Anspruch der Realität Kenntnis geben. Solche Verleugnungen fallen sehr häufig vor, nicht nur bei Fetischisten, und wo immer wir in die Lage kommen, sie zu studieren, erweisen sie sich als habe Mass regeln, unvollkommene Versuche zur Ablösung von der Realität.

e outra que a admitia, se consolando com a feminilidade como substituto. E uma terceira corrente, mais antiga e mais profunda, que havia pura e simplesmente rejeitado (*verworfen hatte*) a castração. Nessa passagem, Freud utiliza o verbo *verworfen*, a partir do qual é formado o substantivo *Verwerfung*. Porém, como dissemos no início deste capítulo, o criador da psicanálise não volta a utilizar este termo. É por isso que nos interessou neste trabalho analisar a *Verleugnung* como mecanismo de defesa específico da psicose, pois, como vimos, em muitas passagens importantes ela é apresentada desta forma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não pretendemos ter esgotado, nesta monografia, o problema da *Verleugnung* como mecanismo de defesa específico da psicose em Freud. Restam, sem dúvida, pontas soltas que podem se constituir enquanto matéria para futuras investigações. Não obstante, encontramos em condições de fazer algumas considerações.

O que despertou o nosso interesse pelo tema foi a afirmação feita por Laplanche e Pontalis (2007) segundo a qual, ao introduzir o conceito de foraclusão, Lacan se situa no prolongamento de uma exigência constante em Freud, qual seja, a de definir um mecanismo de defesa específico para a psicose.

Como vimos, coube a Freud fundar a oposição excludente entre as categorias da neurose e da psicose. Além disso, ao restituir o antigo conceito de defesa (*Abwehr*) enquanto um conjunto e estabelecer o recalque (*Verdrängung*) enquanto um de seus elementos em 1926, ele sugeriu que futuras investigações viessem a revelar ligações estreitas entre formas específicas de defesa e quadros clínicos específicos, tal como a que existe entre o recalque e a histeria.

Ora, nessa época a *Verleugnung* começava a ganhar força e em várias das passagens que analisamos ela é especificamente associada à psicose. Assim, parece justificada a hipótese de que Freud teria procurado estabelecê-la enquanto mecanismo de defesa específico da psicose. Esta hipótese é adotada pelo psicanalista francês Bernard Penot em seu livro *Figures Du Déni* (1989). Ele parte da teorização de Lacan segundo a qual a psicose seria o fruto de uma falha da simbolização propriamente dita. Porém, ao invés de utilizar o conceito de foraclusão, proposto por Lacan, ele leva em conta o esforço de Freud em atribuir um estatuto conceitual rigoroso à *Verleugnung*, utilizando-a traduzida por *déni*. Cabe a pergunta sobre se ele não estaria projetando em Freud uma teorização de Lacan e, no fundo, utilizando apenas o termo do criador da psicanálise, mas não o conceito.

Como argumento contra a sustentação da hipótese da *Verleugnung* como mecanismo de defesa específico da psicose em Freud temos a importante passagem em *O Fetichismo* (1927), na qual ela é associada especificamente à perversão, e a passagem em *A Cisão do Eu*

no *Processo de Defesa* (1938), onde ela é colocada como o primeiro momento tanto da psicose quanto da perversão. Esta última passagem ecoa a formulação desenvolvida em *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose* (1924), segundo a qual a psicose, de forma análoga à neurose, seria constituída por dois momentos: no primeiro ocorre a recusa de algo na realidade no segundo o retorno do que foi recusado por meio das alucinações e delírios.

Temos também como argumento contra a hipótese da *Verleugnung* como mecanismo de defesa específico da psicose a última passagem que analisamos, de *Esboço de Psicanálise* (1938), em que a recusa é vista, assim como o recalque, como constitutiva do aparelho psíquico, ou seja, ela seria um mecanismo de defesa utilizado não apenas por psicóticos e fetichistas, mas também por neuróticos e pessoas saudáveis. Esta visão da *Verleugnung* é apresentada de forma brilhante por Octave Mannoni em seu artigo *Je sais bien, mais quand même...* Segundo ele, esta frase, que aparece de forma tão frequente durante a análise de muitos pacientes e que pode ser traduzida por “Eu sei muito bem que..., mas ainda assim...”, é um sinal inequívoco de que a *Verleugnung* está em jogo, ou seja, de que algo na realidade é recusado, ainda que não se trate de um psicótico. Para dar força à sua hipótese ele discorre sobre o fenômeno da crença religiosa. Cita o relato feito pelo chefe de uma tribo indígena norte-americana, chamado Talayesva, sobre a crença de seu povo em espíritos. Em uma determinada época do ano esses espíritos, denominados de *Katcina*, manifestam-se na tribo por meio dos adultos, os quais colocam máscaras, dançam e distribuem presentes para as crianças. Todavia, quando atingem a idade da iniciação nos mistérios da religião da tribo, as crianças assistem ao desmascaramento dos adultos em meio a cerimônias impressionantes e que, segundo Mannoni, evocam diretamente a castração. Assim, Talayesva relata seu espanto e fúria ao ver que os *Katcina* eram na verdade seus pais e tios. Contudo, na sequência de seu relato, ele torna claro como essa cerimônia de desmistificação é o fundamento de uma nova crença nos *Katcina*, a qual constitui a parte essencial da religião da tribo. É explicado às crianças que os verdadeiros *Katcina* não vêm mais dançar com a tribo como outrora, que eles vêm apenas de forma invisível e que eles habitam as máscaras de forma mística no dia da dança. Seguindo a fórmula de Mannoni, é como se os integrantes da tribo, após sua iniciação, dissessem para si: “Eu sei muito bem que os *Katcina* não são os espíritos, estes são meus pais e tios, mas ainda assim os *Katcina* estão lá quando meus pais e tios dançam mascarados”.

O exemplo que Manonni nos fornece para pensarmos a *Verleugnung* fora da psicose nos parece especialmente pertinente. Isso porque logo após a passagem de *Construções em Análise* (1937) que analisamos, na qual a *Verleugnung* é colocada na base da produção delirante, Freud afirma:

“Se tomarmos a humanidade como um todo e a colocarmos no lugar do indivíduo humano isolado, descobriremos que ela também desenvolveu delírios que são inacessíveis à crítica lógica e que contradizem a realidade”. (FREUD, 1937/1982, p. 406, tradução nossa³⁰).

A essa passagem pode ser associado o argumento desenvolvido em *O Futuro de uma Ilusão* (1927), segundo o qual as crenças religiosas se aproximam, em seus conteúdos, de delírios. Destarte, podemos levantar a hipótese de que Freud estaria de acordo com Manonni, pois para ele a recusa da realidade estaria em jogo na produção de crenças religiosas partilhadas por sujeitos que não poderíamos considerar psicóticos.

Voltamo-nos agora para a principal questão colocada pela afirmação de Laplanche e Pontalis (2007): Freud, de fato, estava em busca de um mecanismo de defesa específico da psicose? Como vimos, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), ele retorna ao conceito de defesa, tornando-o mais amplo do que o conceito de recalque. Além disso, afirma que investigações futuras talvez revelem a existência de ligações estreitas entre tipos específicos de defesas e quadros psicopatológicos específicos, tal como ocorre entre recalque e histeria. Mais do que isso, Freud, embora tenha se mantido reticente quanto à possibilidade de tratamento da psicose através da psicanálise, tornou-se cada vez mais interessado por ela. Podemos destacar, por exemplo, suas considerações em *Introdução ao Narcisismo* (1914), onde descreve o desinvestimento psicótico no mundo externo, e em *Neurose e Psicose* (1923), no qual ele afirma que, na psicose, o Eu forma uma aliança com o Isso contra a realidade. Contudo, não nos parece que, nessas passagens, ele estabelece um mecanismo de defesa específico da psicose. Acreditamos que o mais próximo que Freud chega disso é em algumas

³⁰ Erfasst man die Menschheit als ein Ganzes und setzt sie an di Stelle des einzelnen menschlichen Individuums, so findet man, daß auch sie Wahnbildungen entwickelt hat, die der logischen Kritik unzugänglich sind und der Wirklichkeit widersprechen.

ocorrências da *Verleugnung* que examinamos neste trabalho. Assim, talvez seja justificada a afirmação dos autores do *Vocabulaire de la Psychanalyse*.

Contudo, por outro lado, apesar do que Freud coloca em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), devemos nos lembrar de que não há nenhum mecanismo de defesa proposto por ele que tenha permanecido restrito a um determinado quadro clínico. Acreditamos que isso ocorre porque a psicopatologia freudiana é essencialmente continuísta e não discreta, ou seja, não há em Freud uma fronteira nítida de demarcação entre os quadros clínicos que ele propõe e nem tampouco entre o normal e o patológico. Assim, parece-nos que embora ele tenha se aproximado de uma psicopatologia estruturalista, por meio do estabelecimento da oposição excludente entre neurose e psicose, esta última permanece sendo, para Freud, um quadro clínico. Logo, não nos parece que ele estivesse disposto a romper com a característica essencial de sua psicopatologia no caso específico da psicose, o que é comprovado por inúmeras passagens de sua obra. Isso significa dizer que Freud não restringiria um determinado mecanismo de defesa ao âmbito da psicose.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BREUER, J.; FREUD, S. Studien über Hysterie (1895). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 1, p. 75-312.
- BREUER, J.; FREUD, S. Vorwort zur zweiten Auflage (1908). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 1, p. 79-80.
- FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- FREUD, S. Die Abwehr-neurose (1894). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 1, p. 59-74.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v.1, p. 335-454.
- FREUD, S. Carta 52 (1896a). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v.1, p. 281-287.
- FREUD, S. Weitere Bemerkungen über die Abwehr-neurose (1896b). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 1, p. 379-403.
- FREUD, S. Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v.8, p. 239-322.
- FREUD, S. Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung (1914). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 10, p. 44-115.
- FREUD, S. Die Verdrängung (1915). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 10, p. 248-261.
- FREUD, S. Aus der Geschichte einer infantilen Neurose (1918). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 10, p. 27-157.

- FREUD, S. Die infantile Genitalorganisation (1923). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 13, p. 363-368.
- FREUD, S. Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose (1924). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 13, p. 248-261.
- FREUD, S. Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds (1925a). In: FREUD, Sigmund. **Studienausgabe**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1982. V. 5, p. 254-266.
- FREUD, S. Die Verneinung (1925b). In: FREUD, Sigmund. **Studienausgabe**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1982. V. 5, p. 254-266.
- FREUD, S. Hemmung, Symptom und Angst (1926). In: FREUD, Sigmund. **Studienausgabe**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1982. V. 5, p.
- FREUD, S. Fetischismus (1927). In: FREUD, Sigmund. **Studienausgabe**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1982. V. 3, p. 381-388.
- FREUD, S. Konstruktionen in der Analyse (1937). In: FREUD, Sigmund. **Studienausgabe**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1982. V. 3, p. 394-406.
- FREUD, S. Die Ichspaltung im Abwehrvorgang (1938a). In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 13, p. 59-62.
- FREUD, S. Abriss der Psychoanalyse. In: FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. v. 13, p. 59-62.
- LACAN, J. **Le séminaire livre III: Les psychoses** (1955/1956). Paris: Éditions du Seuil, 1981.
- LACAN, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose (1959). In: LACAN, Jacques. **Écrits II**. Paris: Éditions du Seuil, 1999c. p. 9-61.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulaire de la psychanalyse**. Paris: PUF, 2007.
- MALEVAL, J-C. **La forclusión de Nombre Del Padre: el concepto y su clínica**. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- MANNONI, O. **Clefs pour l'imaginaire ou l'autre scène**. Paris: Ed. Du Seuil, 1969.

MAZZUCA, R. [et al.]. **Las psicosis: fenômeno y estructura**. Buenos Aires: Bergasse 19, 2004.

PETOT, B. **Figuras da recusa: aquêm do negativo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França: A batalha dos cem anos Vol. 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

ROUDINESCO, E. **Jaques Lacan: Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée**. Paris: Fayard, 1993.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SIMANKE, R. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SOUZA, P. **As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

STRACHEY, J. Apêndice A. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v.20, p. 169-170.